



## COM VISTA PARA O ATLÂNTICO

# Notas do Estoril

A disfunção da arquitectura internacional vigente foi um dos pontos transversais a muitos dos painéis que defenderam uma reforma profunda das instituições



**Carlos Carreiras**

As Conferências do Estoril terminaram na passada sexta-feira. Só no papel. E porquê? Porque as Conferências do Estoril não são apenas um lugar. São ideias. E as ideias vão certamente acompanhar-nos nos próximos dois anos. Até à próxima edição, em 2015. Aliás, já tinha sido assim em 2011, quando Mohamed Elbaradei nos avisou de que perante a crise das nossas gerações "ou venciamos juntos ou falharíamos isoladamente". Além de se ter assumido como um dos maiores fóruns de debate internacionais que junta figuras de todas as sensibilidades e latitudes; além de dar um contributo para a afirmação de Portugal como âncora de liberdade e de mediação entre as nossas diferenças colectivas à escala global, é talvez esse o maior activo das Conferências do Estoril: o património das ideias.

Partilho com o leitor algumas das mais relevantes ideias que foram deixadas entre nós durante quatro dias de debate. Começo por Anthony Giddens. Pai da "terceira via", artífice da compatibilização das forças socialistas e dos valores do mercado, Giddens deixou uma mensagem pessimista quanto ao presente da democracia: "A

democracia está a enfrentar problemas em todas as partes do mundo." Também na análise ao plano macroscópico, Lech Walesa, Nobel da Paz, militante anticomunista e ex-presidente polaco, determinou o fim do capitalismo como o conhecemos nos últimos anos: "O modelo de capitalismo actual não sobrevive a este século." E não será a única vítima. A disfunção da arquitectura internacional vigente foi um dos pontos transversais a muitos dos painéis que defenderam uma reforma profunda das instituições. Casos de Frederik de Klerk, Nobel da Paz e antigo presidente sul-africano, que pediu a reforma do FMI e das Nações Unidas para que se tornem mais representativas "de um mundo que já não é bipolar". E também de Ana Palácio, antiga MNE de Espanha: "Vivemos debaixo de uma arquitectura internacional do pós-guerra, completamente impreparada para fazer frente aos desafios do século XXI."

Talvez um desses maiores desafios tenha sido apresentado por Hans Rosling, cofundador da Fundação Gapminder e uma das personalidades mais influentes no ranking da "Time". "A globalização ainda não começou", disse, lançando a polémica. Com base na evolução demográfica, Rosling previu que "em 2100, 80% da população mundial vai viver na Ásia e em África", o que conduzirá a uma mudança estratégica sem precedentes: "o oceano Índico será o centro do mundo", antevê o sueco. Outra das afirmações mais curiosas veio do Oriente. Tao Tao Chen, uma académica da Universidade de Tsinghua, na China, estilhaçou as esperanças de muitos

que no Ocidente depositam esperanças na salvação de Bruxelas às mãos de Pequim: "Pensam que a China é um país muito forte que pode salvar a Europa. Não acredito nisso." Por falar na Europa, António Horta Osório, presidente do Loyds Bank, apelou à intervenção política de "líderes corajosos" que defendam "uma maior integração europeia" e, no mesmo painel, François Pérol, chairman do BCPE, segundo maior grupo financeiro francês, admitiu que não há nenhuma justificação para a zona euro entrar em colapso porque isso não é do interesse de nenhum dos países da eurozona. Noutra das mais aguardadas intervenções das Conferências, Christopher Pissarides, Nobel da Economia, frisou que a saída da crise do euro vai exigir uma união bancária e, depois, uma união fiscal. "Sem estas duas vertentes a moeda única não irá funcionar nem criar crescimento e emprego. Se os países não estão dispostos a isto, então significa que não estão dispostos a aceitar a moeda única", vaticinou o economista de origem cipriota admitindo também que a actual crise em Chipre pode abrir as portas à unificação da ilha. Para terminar, uma nota de utopia fundada. Cyril Muller, vice-presidente do Banco Mundial, disse-nos que "é possível acabar com a pobreza extrema até 2030". Se formos capazes de inventar novos mapas e novos dicionários, como muitos nas Conferências do Estoril fizemos, também nós no Estoril partilhamos dessa utopia.

*Presidente da Câmara Municipal de Cascais  
Escreve à quarta-feira*